

## ENTREVISTA – REVISTA DIAPHONÍA – v. 2, n. 1 – 2016

Nesse número, a *Diaphonía* entrevista o quarto tutor do PET, o Professor Doutor Wilson Antonio Frezzatti Jr, a quem, desde já, agradecemos, pelo aceite do convite.

D [Diaphonía]

W [Wilson Antonio Frezzatti Jr]

D<sub>1</sub> – O senhor poderia retratar um pouco acerca de sua biografia, formação, e que motivou o interesse pela Filosofia?

W<sub>1</sub> – Nasci na cidade de São Paulo, em 1961. Fiz o curso de Farmácia-Bioquímica, modalidade FÁRMACO-Medicamentos, na USP (Universidade de São Paulo) (1979-1983). Nesse período, fui bolsista de Iniciação Científica da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo), com pesquisa em Farmacologia molecular (ação de anestésicos locais em membrana celular). Iniciei mestrado na mesma área no Instituto de Química: ação de antimaláricos em membrana celular. Por problemas particulares, não concluí o mestrado e fui trabalhar em uma rede de farmácias de manipulação em São Paulo (Biofórmula e Biofarma Scienca). Após alguns anos, fui trabalhar na área de informática médica no Hospital das Clínicas da USP. Em 1992, iniciei a graduação em Filosofia na USP. Por que Filosofia? Pela confluência de três histórias: no Segundo grau (atual Ensino Médio) li alguns volumes da coleção “Os Pensadores”, entre eles Nietzsche, e não entendi nada: algumas coisas ficaram me instigando por anos sem encontrar uma resposta; minha vida profissional não me satisfazia e eu sentia a necessidade de encontrar algo que realmente gostasse de fazer; uma tendência a questionar as

coisas: por exemplo, durante meus experimentos bioquímicos, perguntava-me se os meus resultados seriam diferentes caso o modelo teórico da estrutura da membrana celular fosse outro. Durante a graduação de Filosofia, descobri que gostaria de seguir a carreira acadêmica: fiz mestrado (as críticas de Nietzsche contra Darwin, 1998-2000) e doutorado (a superação da dualidade cultura-biologia pela fisiologia nietzschiana, 2000-2004) na USP, sob orientação da Prof. Dra. Scarlett Marton. Desde 2001, sou professor do Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Toledo. Desde então sou feliz em realizar atividades de ensino, orientação, pesquisa e em participar de programas como o PET (fui tutor em 2010-2013). Hoje sou professor associado e, além da graduação, atuo no mestrado e no doutorado em Filosofia na UNIOESTE. Sou também professor colaborador do mestrado em Filosofia na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Minha pesquisa atual trata da relação entre a filosofia de Nietzsche e a biologia, a psicologia e a fisiologia do século XIX. Encontrei alguma resposta na Filosofia? Não, o que mais atraiu à Filosofia foi o seu constante questionamento, o não se acomodar às aparentes soluções definitivas.

D<sub>2</sub> – Agora, mais especificamente, sobre o seu percurso teórico ensejado pela obra de Nietzsche. O professor realizou uma estada na França, onde desenvolveu parte de sua pesquisa pós-doutoral. Até que ponto essa vivência não só intelectual, mas cultural, tem sido significativa?

W<sub>2</sub>– Fiz duas pesquisas pós-doutorais. A primeira em Paris, na França, em 2009-2010, sob supervisão do Prof. Dr. Patrick Wotling (Université de Reims): as leituras de Nietzsche da psicologia

experimental francesa; a segunda na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2014-2015, sob a supervisão do Prof. Dr. Gustavo Caponi: o papel das noções de nutrição e reprodução nas concepções de vida da biologia do século XIX. As pesquisas pós-doutorais, comumente chamadas de pós-doutorado, são muito importantes porque nos proporcionam um período de tempo para que nos dediquemos exclusivamente à pesquisa. Esse tempo permite que consolidemos uma pesquisa já iniciada ou que iniciemos um novo projeto de pesquisa. Seus resultados ecoam por vários anos, seja na forma de publicações ou conferências, seja nos programas de disciplinas da graduação ou da pós-graduação ou mesmo em temas para grupos de pesquisa. A importância da pesquisa pós-doutoral é maior ainda quando se ela se realiza em outro país. Neste caso, além da vivência intelectual, temos também a experiência cultural. Além do desenvolvimento das habilidades em uma língua estrangeira, a França permite uma experiência bastante alargada: a quantidade de museus e de eventos culturais é enorme. Mas quero destacar o aspecto que para mim foi o mais importante: viver em um país onde a cidadania está bastante desenvolvida fez-me perceber o quanto nosso país ainda precisa andar para chegar num patamar semelhante: oportunidades culturais, educação, transporte, saúde, urbanismo, etc. Fez-me ver que nós, professores e estudantes universitários, temos uma grande responsabilidade em contribuir para a conquista de uma melhor cidadania para todos.

D<sub>3</sub> – Nas últimas décadas, com a criação do GEN [Grupo de Estudos sobre Nietzsche], sob a coordenação de sua ex-orientadora, a professora Scarlett Marton (USP), projetou-se um vivo interesse pela obra do pensador alemão. O Senhor também coordena o GT/Nietzsche, vinculado à ANPOF. Qual a sua avaliação dessas

iniciativas? Quais seus projetos atuais e futuros nessa perspectiva?

W<sub>3</sub> – O GEN em 2016 completa 20 anos de existência. Além das reuniões dos grupos de estudos, a professora Marton deu início aos “Encontros Nietzsche” (em 2015, teve sua 37ª edição), ao periódico “Cadernos Nietzsche” (em 2015, número 37) e à coleção “Sendas & Veredas” (em 2015, atingiu mais de 20 livros sobre Nietzsche). A prof<sup>a</sup>. Marton também teve participação decisiva na criação do GT-Nietzsche da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), do qual sou coordenador desde 2010. O Grupo de Trabalho (GT) reúne os principais pesquisadores de Nietzsche do país e realiza reuniões anuais para discussão de trabalhos e proposição de atividades. Acho que iniciativas como essa são importantes num duplo aspecto: a) promove um fórum qualificado para debate e desenvolvimento de ideias entre os pesquisadores especialistas; e b) cria um espaço heterogêneo para divulgação e debate que congrega pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação, mas também outros interessados. Aqui, em Toledo, desde 2007, realizamos grupos de estudos sobre as obras de Nietzsche ou temas afins. A pretensão é aprofundar cada vez mais esses estudos, sem perder o caráter de pluralidade de seus participantes. A realização de eventos sobre Nietzsche também está em nossos planos. Quanto ao GT e ao GEN, incentivamos nossos estudantes de Nietzsche a participarem sempre de seus eventos.

D<sub>4</sub> – Conte-nos sobre a sua experiência na UNIOESTE como instituição.

W<sub>4</sub> – A UNIOESTE tem um significado afetivo muito importante para mim: foi aqui que eu pude e ainda posso me realizar profissionalmente. A liberdade que temos para efetivar nossos

projetos de pesquisa e de extensão é bastante grande. Além de exercer atividades de ensino, pesquisa e extensão, tive a oportunidade de atuar em cargos administrativos e diversas comissões, o que penso ser essencial para compreender o funcionamento de uma universidade. Não posso deixar de mencionar o aprendizado que nos proporciona os eventos do curso de Filosofia, em especial o nosso já tradicional e nacionalmente reconhecido Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea (em 2015, 20ª edição). É claro que temos problemas de verbas e, por vezes, uma burocracia excessiva e ultrapassada, os quais em parte – e apenas em parte – são efeitos das esferas estaduais e federais. Acredito, no entanto, que todos nós – professores, funcionários e estudantes – temos a responsabilidade de trabalhar para que nossa instituição melhore cada vez mais, não podemos nos acomodar e esperar que as coisas por si mesmas mudem.

D<sub>5</sub> – A sua presença no PET, desde a implantação do Programa, em 1992, tem sido vital. Que balanço, o professor faz hoje, de mais essa experiência?

W<sub>5</sub> – Minha experiência como tutor (2010-2013) foi fundamental para minha formação profissional. A formação é um processo que nunca cessa. Entre vários outros, cito os desafios que considero os mais importantes postos pelo PET na Filosofia: criar atividades que integrem pesquisa, ensino e extensão; respeitar o caráter de multiplicidade da Filosofia; incutir o senso de responsabilidade nos bolsistas; integrar as atividades ao projeto pedagógico do curso de graduação; integração com outros PETs; evitar a especialização precoce dos bolsistas provocada pelos projetos de pesquisa; e não deixar que os petianos se sintam ou sejam vistos

pelos colegas como alunos especiais ou extraordinários. Esses desafios, além de exigir um conhecimento global da Universidade, aumentando a integração entre todos os atores envolvidos, contribuem muito para o desenvolvimento profissional do tutor e dos bolsistas, qualificando-os para as atividades futuras. Na Filosofia, não é muito fácil encontrar atividades que, ao mesmo tempo, ajam nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão. Mas não podemos esquecer que o PET é um programa de formação global que toca a própria essência da Universidade. A nossa atual Constituição Federal (1988) define em seu Artigo 207: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Quero crer que não me saí mal frente a esses desafios e que conseguimos (os bolsistas, os professores colaboradores e eu) produzir muitas atividades interessantes para a UNIOESTE e a Comunidade externa. Quero destacar duas atividades: os minicursos de estética e filosofia da arte, ministrados no contexto dos cursos de pintura da Profa. Edy Braun, e o programa “The blue Soul of Blues” (uma reflexão sobre a melancolia, a música e a história), difundido pela Kula Web Radio da UNIOESTE. Não posso deixar de agradecer o envolvimento dos professores do curso de Filosofia e mesmo de outros cursos, dos funcionários e dos petianos: sem eles não teríamos concluído nenhuma atividade.

D<sub>6</sub> – Hoje contamos com o Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (Nível Mestrado/Doutorado). Que significado esse projeto expressa para a UNIOESTE e, em especial, para o Curso de Filosofia?

W<sub>6</sub> – Não podemos nunca falar o suficiente acerca da importância do Mestrado e do Doutorado para um curso, uma

instituição e até mesmo para uma região. A instituição deixa de ser “apenas” um centro de cursos de graduação e passa a ser um centro de pesquisa e formação mais amplas e aprofundadas, o que significa também receber mais verbas estaduais e federais. A região, a instituição e o curso tornam-se também “importadores” de intelectos e não são mais apenas “exportadores”: a personalidade ou o caráter definido do curso, necessário para uma pós-graduação *stricto sensu*, atrai estudantes e docentes de vários lugares. A interlocução com outros centros de excelência nacionais e internacionais tende a incrementar ainda mais o processo de formação de pessoal e de produção de conhecimento. Para o nosso curso de Filosofia (35 anos em 2015), o doutorado representa o reconhecimento de uma história de lutas e conquistas que, apesar disso, ainda não chegou ao fim.

D<sub>7</sub> – Qual sua opinião sobre a disciplina Filosofia no ensino médio e sobre a formação filosófica na universidade? Qual a relação com políticas públicas?

W<sub>7</sub> – Durante meu segundo grau (1977-1978), eu não tive a oportunidade de ter a disciplina de Filosofia, pois o regime militar a havia retirado do currículo. Esse foi o motivo de eu ter comprado com minha mesada alguns volumes da coleção “Os Pensadores”, conforme falei acima. Queria saber o que era a Filosofia. Acho que é uma disciplina tão importante quanto Português, Matemática, História, Geografia, Biologia, Química, Física, etc. Não somente porque instiga a reflexão, mas porque está na base de nossa civilização – tanto a aceitação quanto a rejeição da Filosofia: não podemos compreender nosso mundo sem conhecer a Filosofia e sua história. No entanto, não podemos cair no que considero os extremos da justificativa da presença da Filosofia no Ensino Médio,

um no sentido geral e outro no sentido específico: a) Ela não é responsável por “ensinar a pensar” (seja lá o que for isso), não deve ser uma espécie de base para todas as outras disciplinas; b) mas também não é responsável por criar “gênios filosóficos” (também seja lá o que for isso). Ao discutir temas como Homem, Natureza, Conhecimento e Ação por meio de uma variedade de textos filosóficos, acredito que a disciplina já dá uma enorme contribuição à formação do cidadão. O cidadão é a base de qualquer política pública, o que afasta qualquer resquício de paternalismo ou assistencialismo. No Ensino Superior, há algumas questões que me preocupam. Há a discussão bizantina de que se o fazer filosófico deve ou não prescindir da história da Filosofia. É óbvio, para mim, que, por mais original que sejamos, estamos sempre dialogando com a tradição e com nossa época. Apesar de alguns pontos positivos, vejo que avaliações gerais como o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) tendem a produzir uma uniformização dos cursos de graduação, o que faz com que eles percam suas características específicas: as ementas tendem a tornarem-se genéricas e superficiais. Do mesmo modo que o vestibular acabou forçando o Ensino Médio a ter como objetivo ensinar a “passar no vestibular”, vejo que alguns cursos de graduação já têm como preocupação ensinar a “passar no ENADE”, promovendo “intensivões” antes da prova. Vejo ainda que o exagero dos critérios quantitativos na avaliação dos programas de pós-graduação provoca uma corrida para a publicação de artigos e livros e para a realização de eventos. É impossível lermos tudo o que é produzido e participarmos de todos os eventos em nossa especialidade. Tenho dúvidas da qualidade e da profundidade das atividades produzidas na velocidade exigida pelos critérios de avaliação. Além disso, esse



processo acirra a competição entre os programas e entre os próprios professores de um mesmo programa. Há quem pense que só há inovação e produção se houver pressão e competição, mas sinceramente eu não sei. Por outro lado, sabemos também que há pesquisadores e professores que passam anos sem publicar nada, e, acredito, temos que dar um retorno à sociedade. Enfim, trata-se de uma questão bem difícil, com várias facetas. A pergunta pedia minha opinião, e temos aqui nada mais que isso: apenas meu ponto de vista sobre essas questões.

D<sub>8</sub> – Qual a sua perspectiva para a filosofia no país? Que desafios, a área tem, pela frente?

W<sub>8</sub> – Bem, essa é a pergunta mais difícil de responder. Alguns acontecimentos me deixam otimista, por exemplo, a conquista de nosso doutorado e a ampliação da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Até a década de 60 ou mesmo de 70, a regra era fazer mestrado e doutorado no exterior, não havia pós-graduação em Filosofia no Brasil. Hoje temos até professores estrangeiros fazendo pós-doutorado em nosso país. O crescimento da variedade de filósofos e temas estudados, e o aumento de grupos de estudos, de eventos e de publicações – estes três últimos até um certo ponto – mostram o vigor da Filosofia no Brasil. No entanto, há outros acontecimentos que realmente me desanimam: estamos assistindo, há alguns anos, uma diminuição dos cursos de graduação leigos (não ligados a instituições religiosas) e dos vestibulandos interessados em cursar Filosofia. É verdade que esses problemas atingem de modo geral os cursos de licenciatura. De qualquer forma, o espírito de que “um curso que não é produtivo deve fechar” continua nos ameaçar. Isso me lembra do início da década de 1980, quando eu cursava

Farmácia na USP: o governador biônico Paulo Maluf queria fechar alguns cursos porque teriam poucos alunos, lembro-me agora de Sânscrito e Chinês. É possível imaginar uma faculdade de Letras numa universidade de excelência sem esses cursos? Penso que a presença, no Ensino Médio, dos extremos acima mencionados pode ser prejudicial à permanência da Filosofia no Ensino Médio. Ainda mais quando sabemos que muitos defendem mais espaço para as disciplinas de Português e de Matemática, pois “a escola tem como objetivo instruir o aluno, para que ele consiga emprego”. É essa mesma a função primordial da escola? Somos trabalhadores e consumidores antes de sermos seres humanos? Talvez precisemos de um novo Renascimento ou Iluminismo. Temo também que o exagero da avaliação quantitativa da pós-graduação mencionado acima transforme a produção filosófica em algo para consumo imediato, sem profundidade. Podemos avaliar a qualidade e o impacto de um livro ou de um artigo apenas no ano em que ele foi publicado? Enfim, somando e pesando tudo, talvez eu seja mais pessimista do que otimista sobre o futuro da Filosofia. A maioria dos desafios é comum entre a Filosofia e as áreas da cultura, da educação e da ciência. No entanto, penso que a Filosofia não está restrita à Academia: a Filosofia, uma das mais antigas produções da humanidade, é maior que a universidade e o sistema de educação. De algum modo, sua história continuará.

Agradeço ao Prof. Dr. Claudinei e ao PET pela oportunidade de expressar alguns dos meus atuais pensamentos.